Paralisação fracassou no Brasil e em Feira

13/11/2017

A paralisação convocada para sexta-feira (10) por algumas centrais sindicais para protestar contra as reformas temerárias – sobretudo a reforma trabalhista, que entrou em vigor ontem (11) – foi frustrante Brasil afora. Houve alguns atos nas grandes capitais, mas nenhuma mobilização com maior repercussão. Aqui na Feira de Santana o panorama não foi diferente: à exceção da parcela mais mobilizada do funcionalismo público, praticamente não houve adesão. Apesar do movimento mais discreto, o comércio funcionou normalmente e quem presta serviço dedicou-se a seu ofício sem nenhum embaraço.

Ironicamente, a oposição trabalhista definha justamente quando o governo de Michel Temer (PMDB-SP), o mandatário de Tietê, entra em seu ocaso. Depois das tenebrosas negociatas que o safaram do afastamento duas vezes, o controverso presidente não reúne forças para, sequer, aprovar a temida reforma da Previdência. Tornou-se, depois de tantas peripécias, refém do afamado "Centrão" na Câmara dos Deputados.

A barganha despudorada, o cinismo contumaz e a sórdida desfaçatez se tornaram a tônica do governo que vai se decompor até meados de 2018. Mas é a corrupção – Michel Temer e sua turma foram taxados de "quadrilhão" pela Polícia Federal em um dos seus relatórios de investigação – que constitui a principal marca da gestão. Ela, o desmanche dos direitos trabalhistas e, obviamente, a rígida hegemonia das bancadas do boi, da bala e do dízimo.

Mas, apesar de todas as fragilidades que foram se avultando, sobretudo a partir do final do primeiro semestre, com as sucessivas delações, a chamada esquerda e aqueles que alegam se perfilar com os trabalhadores não conseguiram constituir uma resistência consistente contra o leviatã reacionário que sucedeu o *impeachment* de Dilma Rousseff (PT). Se é que, realmente, pretendiam. Daí a vertiginosa revogação de inúmeros direitos que decorreram de décadas de esforço e empenho.

A Solução Lula

Muita gente segue apostando no retorno apoteótico de Lula à presidência, ano que vem. A partir dele, calculam, voltaremos àquele festejado idílio que antecedeu a catastrófica gestão de Dilma Rousseff. E, apesar de pronunciarem "golpe" a cada frase, firmam suas expectativas numa normalidade democrática que, em tese, foi maculada com o controverso *impeachment*. Racionalmente, uma contradição insanável, que só a fé cega no lulismo onipotente soluciona.

O próprio Lula, matreiro, está minimizando a rasteira no petismo. Afinal, declarou, autossuficiente, que perdoa os "golpistas" e insinuou, nas entrelinhas, que se dispõe a compor com as mesmas figuras abjetas num futuro governo. Pelo jeito, o "golpe" se tornou mero instrumento de retórica para insuflar as esquerdas que vão às ruas fazer campanha. É mais ou menos a mesma estratégia empregada desde 2002: ganha com a esquerda e governa com a direita.

Talvez, dessas maquinações, tenha surgido a decisão de não inflamar as ruas sexta-feira. Afinal, o próprio Lula afirmou – numa contundente sinalização – que o "Fora Temer" já não faz sentido; não duvidaria que o esvaziamento das ruas sirva, ingenuamente, como moeda de troca para pleitear um salvo-conduto para disputar as eleições presidenciais.

Miséria

Mas, objetivamente, o fato é que a temerária reforma trabalhista entrou em vigor ontem. Com ela, as jornadas intermitentes e os salários miseráveis. Repercutiu muito o anúncio que promete "emprego" só nos finais de semana, com "salário" de R$ 4,45 a hora. Somado, aquilo não passa de R$ 178 mensais. As "virtudes" da exaltada flexibilização trabalhista, portanto, estão apenas começando a se revelar.

Não vai demorar muito para o mandatário de Tietê ir à televisão anunciar a geração de "milhões de empregos". Afinal, não tem nada mais para mostrar. Vai se tratar, na verdade, dos biscates formalizados com a nociva reforma. É indiscutível que, provavelmente, muitos trabalhadores serão absorvidos pelo mercado de trabalho, com remuneração vil. O cerne da questão, portanto, não envolve a quantidade de postos de trabalho, mas sim a qualidade.

O certo é que o trabalhador está desamparado. E nada sinaliza, no horizonte próximo, para a reversão dessa catástrofe. Pelo contrário: nem mesmo o camaleônico Lula se compromete com nada. Os demais pré-candidatos, pelo jeito, aplaudem o desmanche da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), refugiando-se num eloquente silêncio. Essa, pelo visto, vai ser a toada das próximas eleições presidenciais.

André Pomponet

LEIA MAIS

André Pomponet
"Tuk tuk": o pitoresco meio c
Paulo Afonso-BA
07/11/2017

André Pomponet
A legislação sobre religião na
31/10/2017

André Pomponet
Pobre não é gente, definem
23/10/2017

André Pomponet
Economia popular se ajusta à
17/10/2017

André Pomponet
Homicídios mais que dobrara
Feira
16/10/2017

« Anterior Pr